



O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA ESCOLA DE FRANKFURT

Gilson Xavier de Azevedo (UEG)¹
gilson.azevedo@ueg.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é discorrer sobre a origem histórica e ideológica da Escola de Frankfurt na Alemanha. As situações históricas de unificação do Estado Alemão, bem como o crescimento do movimento operário constituídos a partir da derrocada marxista e engeliana em contraposição ao movimento da chamada razão instrumental de Hegel, provocaram uma efervescência política e econômica determinante para as revoluções do XIV e do XX. Tais fatos chamaram a atenção dos intelectuais da época e se tornou objeto de estudo do Instituto de Pesquisa Social que mais tarde se chamaria Escola de Frankfurt. O problema em questão é propor um entendimento claro e objetivo que fuja da fragmentação de alguns autores ao tratarem do tema. A hipótese aventada é a de que o movimento que envolveu Adorno, Horkheimer e outros, não foi em si um movimento coeso e por isso a dificuldade desses autores. Trabalha-se com a pesquisa bibliográfica, recorrendo-se a comentadores do tema que tenham boa repercussão acadêmica. Espera-se por resultado, novas discussões sobre a Escola, além de instigar a leitura dos originais desses grandes expoentes do pensamento contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Sociologia. Escola de Frankfurt.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the historical and ideological origin of the Frankfurt School in Germany. The historical situations of unification of the German State, as well as the growth of the labor movement constituted from the Marxist and Engelian overthrow in opposition to the movement of the called instrumental reason of Hegel, provoked a political and economic effervescence decisive for the revolutions of the XIV and the XX. These facts attracted the attention of the intellectuals of the time and became object of study of the Institute of Social Research that later would be called School of Frankfurt. The problem in question is to propose a clear and objective understanding that escapes the fragmentation of some authors when dealing with the theme. The hypothesis put forward is that the movement involving Adorno, Horkheimer and others was not in itself a cohesive movement and therefore the difficulty of these authors. We work with the bibliographical research, resorting to commentators of the subject that have good academic repercussion. As a result, new discussions about the School are expected, as well as instigating the reading of the originals of these great exponents of contemporary thought.

KEYWORDS: Philosophy. Sociology. School of Frankfurt.

INTRODUÇÃO

No prefácio da edição brasileira de "A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política", Jorge Coelho Soares, Professor Adjunto IP/UERJ menciona que Rolf Wiggershaus foi na realidade um arqueólogo da Escola.

¹ Docente UEG. E-mail: gilson.azevedo@ueg.br



Ele afirma que "*A History of the Frankfurter School and the Institute of Social Research 1923-1950* de Martin Jay, permaneceu durante mais de duas décadas como um documento valioso e praticamente sem rival para a compreensão do percurso histórico e filosófico do que hoje se conhece como 'Escola de Frankfurt'".

O avanço investigativo de Wiggershaus, foi expressivo no tocante a nuances históricas que permearam, sobretudo Adorno, Horkheimer e Marcuse. Sua análise fora rica em originalidade verossímil "Demonstrando um conhecimento filosófico acurado, quer das principais teses da Teoria Crítica, das filigranas de seus desdobramentos, quer do percurso teórico particular de seus principais membros, ele se lança também na tarefa de avaliar o impacto dessas ideias ao longo do tempo — cobrindo, assim, mais de sessenta anos de história desse movimento de ideias".

Embora nossa análise não compreenda apenas este autor, usam-se suas contribuições no decorrer de todo o texto, como forma de justificar o dito.

1 SITUANDO A HISTÓRIA

Em 1871, Bismark² conseguiu consolidar o Estado Alemão, graças ao poderio Prussiano. Assistiu-se ao crescimento do poder militar e a estruturação de uma burocracia impenetrável. O que se seguiu foi a separação da Prússia, do Sacro Império Romano Germânico. De acordo com Mattos (1993, p. 10): “a Prússia não era um país que possuía um exército, mas um exército que possuía um país”.

A Alemanha ainda passaria por várias insurreições operárias, sendo a de novembro de 1918, a maior delas talvez. A estabilização só viria em 1923, quando os ânimos operários foram burocraticamente apaziguados. Personagens como Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht foram a expressão mais eloquente da chamada Liga Espartaquista.

² Otto Eduard Leopold von Bismarck-Schönhausen, Príncipe de Bismarck, Duque de Lauenburg foi um nobre, diplomata e político prussiano e uma personalidade internacional de destaque do século XIX. Otto von Bismarck, o chanceler de ferro, foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX.



Outro personagem importante foi Lenin, que fazia prosperar o processo alemão de industrialização pela via do positivismo e do cientificismo. Os princípios do taylorismo ganharam destaque nesse período. Tal feito despertou a ira de Rosa de Luxemburgo que se coloca contra a “disciplina imposta aos operários” (MATTOS, 1993). A Liga só fora superada pelos sociais democratas.

A Alemanha passa a operar a partir dos interesses burgueses, adotando o nacionalismo como bandeira, o que culminou com a Revolução Bouchevique³, que, sob a liderança de Lenin e Trotsky pôs abaixo o quizarismo em 1917.

Parece ironia, mas a história alemã, cuidou de invalidar a teoria marxista, graças à pobreza proletária insurgida que a teoria gerou, além de repetidas crises econômicas. “Para Bernstein⁴, a realidade é que o marxismo está dilacerado por insolúvel dualismo entre ‘a influência determinante da economia sobre o poder político e verdadeira fé milagrosa na virtude do poder político’ (REALE; ANTISERI, 1990, p. 786).

A Atuação de Bernstein conseguiu afundar definitivamente a revolução e a ditadura do proletariado, estabelecendo a ideia de que tal ditadura, pertencia à classe inferior, a uma cultura depauperada que queria pôr fim à sociedade capitalista fazendo emergir valores socialistas.

O Estado não é somente órgão de opressão e administrador delegado dos operários. Apresentá-lo sob esta ótica é o único caminho para todos os elucubreadores de sistemas anárquicos: ‘Proudohm, Bakunin, Sirner e Kropotikin, todos eles sempre apresentaram o Estado como órgão de opressão e espoliação, coisa que ele certamente foi durante tempo bastante longo, mas que não deve ser necessariamente em termos gerais. Ele é uma forma de convivência e um órgão de governo, que muda o seu caráter político-social com a mudança do conteúdo social’ (REALE; ANTISERI, 1990, p. 787).

Como protagonista do revisionismo alemão, Bernstein passa a apoiar as

³ A Revolução Russa de 1917 foi um período de conflitos, iniciado em 1917, que derrubou a autocracia russa e levou ao poder o Partido Bolchevique, de Vladimir Lênin.

⁴ Foi um político e teórico político alemão. Foi o primeiro grande revisionista da teoria marxista e um dos principais teóricos da social-democracia. Membro do Partido Social-Democrata (SPD), e o fundador do socialismo evolutivo e do revisionismo. Bernstein tinha realizado estreita associação de Karl Marx e Friedrich Engels, mas ele viu falhas no pensamento marxista e começou a criticar opiniões defendidas pelo marxismo quando ele investigou e desafiou a teoria marxista materialista da história.



reformas no interior do Estado e as instituições democráticas como início e fim da escola superior do compromisso com o progresso alemão. O marxista ortodoxo acredita que a sociedade perfeita pensa que irá realizar o paraíso na terra. Já o revisionista enfrenta os problemas reais e o seu objetivo é construir a muitas mãos, uma sociedade melhor.

No entanto entre marxistas ortodoxos e revisionistas não existia muito diálogo, cada qual defendia a ferro, fogo e revolução sua posição. Em tal contexto e dos estudos sociais da realidade sócio-política-econômica alemã, emerge um grupo de intelectuais, dedicado a entender esse processo, relatá-lo e entendê-lo de maneira global. São eles: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Franz Neumann, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Friedrich Pollock e Karl Wittfogel.

2 A ASCENÇÃO DA ESCOLA DE FRANKFURT

A Escola de Frankfurt teve início no Instituto de Pesquisa Social⁵, fundado no início da década de 1920, graças ao progressista Félix Klein⁶. O primeiro diretor do Instituto foi Karl Grünberg⁷, um marxista austríaco e historiador da classe operária.

⁵ Algumas razões podem ser consideradas como as causas que, em confluência, possibilitaram a criação do Instituto (Wiggershaus, 2002): • aporte financeiro do pai de Felix Weil, que almejava um título de doutor honoris causa; • uma cidade (Frankfurt am Main) conhecida pelo mecenato, que abrigava uma universidade com uma faculdade de economia e ciências sociais e cuja população tinha altos índices de identificação com as teorias socialistas e comunistas; • um Ministério da Educação e Cultura interessado em impulsionar uma reforma universitária (MOGENDORFF, 2012. p. 160).

⁶ Felix Weil (1898-1975) nasceu na Argentina, país para onde seu pai migrara e construíra um negócio de grande destaque de comércio de cereais. Em 1908, toda a família retornou para Frankfurt. Depois da Primeira Guerra, Felix se dedicou com afinco aos estudos das teorias socialistas. O encontro com Kurt Albert Gerlach, então recém-admitido como professor de ciências econômicas da Universidade de Frankfurt, era o impulso que faltava para a criação do Instituto (MOGENDORFF, 2012. p. 160).

⁷ fato de Horkheimer suceder a Grünberg na chefia do Instituto não deixava de ser surpreendente. Ele não pertencia absolutamente ao grupo de “colaboradores próximos” — segundo a expressão utilizada por Felix Weil em sua carta de 1929 ao Ministério da Educação e Cultura. Pollock e Grossmann, cujas monografias tinham inaugurado, em 1929, a série de publicações do Instituto, mereciam mais o título de colaboradores próximos. Horkheimer, ao contrário, só tinha publicado, em 1930, uma tese de doutorado pouco notada e três ou quatro artigos em coletâneas. Sua colaboração no Instituto também era quase insignificante. Assistente de filosofia, organizava no Instituto seus seminários de filosofia da sociedade, e no memorandum de Weil dirigido ao Ministério da Educação e Cultura, entre publicações projetadas para



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Para Mattos (1993), o período de constituição da escola, foi marcado pela esperança revolucionária e pelas decepções históricas. Uma delas foi a Revolução Russa, lideradas pelos Bolcheviques Lenin e Trotsky. Com o advento da primeira guerra, o Rússia mergulha em uma intensa crise econômica. A Revolução Russa tornou-se modelo de revolução socialista e laboratório de observação dos pesquisadores Lukács e Korsch que publicaram em 1923 *História e consciência de classe*, livro este que reanalisa o papel de Marx e da teoria da alienação para o contexto alemão.

O Instituto de Pesquisa Social lançou a revista *Arquivo de história do socialismo e do movimento operário* e passou a analisar a viabilidade socialista nesse período. Aqui se sedimenta a relação entre hegelianismo, marxismo e freudianismo, marca característica dos teóricos de frankfurt.

Na intenção de Horkheimer, a teoria crítica da sociedade surge para ‘encorajar uma teoria da sociedade existente considerada como um todo’, mas uma teoria que fosse precisamente crítica e capaz, ou seja, capaz de fazer emergir a contradição fundamental da sociedade capitalista. [...] Existe um posicionamento humano que tem como objeto a própria sociedade. Ele não está voltado para algum inconveniente secundário, mas se apresenta muito mais como necessariamente ligado a toda organização da estrutura social. Em poucas palavras o teórico crítico é ‘o teórico cuja única preocupação consiste no desenvolvimento que conduza à sociedade sem exploração (REALE; ANTISERI, 1990, p. 839).

A busca de uma sociedade consciente era a prerrogativa máxima dos teóricos de Frankfurt, bem como o fim do peso do estado sobre os cidadãos. Nesse sentido a teoria crítica buscava uma compreensão totalizante e ao mesmo tempo dialética da sociedade humana em seu conjunto. À medida que a sociedade industrial avançava a racionalização dos meios de produção escravizada e condenada ainda mais pessoas. Nota-se que é extremamente contextual o surgimento e a presença dessa escola no contexto social em que a Alemanha vivia.

a série do Instituto, um livro de Horkheimer, *Die Krise des Marxismus* (A crise do marxismo), figurava como o tomo VI. “Desde o dia em que decidimos, por razões puramente técnicas, que eu deveria ser o diretor do Instituto, simplesmente porque aquilo era mais fácil de fazer do que para Fritz ou você...” pode-se ler numa carta posterior de Horkheimer a Felix Weil, de 10 de março de 1942 (WIGGERSHAUS, 2002, p. 68).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

O fascismo, o nazismo, o estalinismo, a guerra fria, a sociedade opulenta e a revolução não realizada, por um lado; e por outro lado, a relação entre Hegel e o marxismo e entre este e as correntes filosóficas contemporâneas como também a arte de vanguarda, a tecnologia, a indústria cultural, a psicanálise e o problema do indivíduo na sociedade moderna, são temas que se interligam na reflexão dos expoentes da Escola de Frankfurt (REALE; ANTISERI, 1990, p. 839).

Quando Hitler ascende ao poder, os teóricos de Frankfurt emigram para Genebra, depois Paris e por último, Nova Iorque. Apesar de conturbado, foi um período extremamente produtivo, do qual emergiram trabalhos como: “A personalidade autoritária” (1950). Com o fim da Segunda Guerra os integrantes da escola retornam à Alemanha e em 1950⁸, fazem renascer o Instituto que ganha novos e ilustres membros, agora dedicados a pensar os horrores da guerra e a evitar que situações como Auschwitz nunca mais se repitam. “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la” (ADORNO, 1995).

“Desde que o Aufk lärung existe no sentido mais amplo, o de um pensamento em ação, ele procura libertar os homens do medo e fazer deles seus senhores. Mas a terra que passou dominada completamente pelo Aufk lärung brilha sob o signo da catástrofe completa” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 358). Também emergiu da Escola de Frankfurt uma perspectiva crítica que se divide em três pontos: a crítica à razão indenitária, a crítica à opressão e a crítica da razão histórica, conforme se vai tratar a seguir.

⁸ Quando Horkheimer, Adorno e Pollock voltaram a se instalar com as esposas em Frankfurt e começaram a firmar sua posição alemã, consideravam-se judeus, intelectuais de esquerda e sociólogos críticos num ambiente completamente esvaziado, de cima a baixo, de seus pares, em que surgiam claramente, depois de muito tempo, sinais de uma reconstrução. A antiga simbiose da cultura judaico-alemã estava definitivamente destruída. Com a exceção de Horkheimer e Adorno, nenhum dos mestres-assistentes notáveis do apogeu da Universidade de Frankfurt nos últimos anos da República de Weimar voltou. Foi precisamente porque Horkheimer, Adorno e Pollock foram e constituíram exceções que eles puderam contar com uma acolhida indulgente (WIGGERSHAUS, 2002, p. 467).



3 AS TRÊS DIMENSÕES CRÍTICAS DE FRANKFURT

A primeira crítica que emerge de maneira contundente da Escola de Frankfurt é a **Crítica da Razão Identitária**. Em 1932, Horkheimer ataca o paralogismo da identidade de Kant e Hegel. Para Assoun (1991), a tese da identidade do sujeito e do objeto aparece como pressuposto necessário da existência de verdade. Isso coloca o sujeito na história como ele próprio sendo a história e isso é um erro contumaz. “Quem escolhe hoje o trabalho filosófico como profissão deve renunciar à ilusão de que, por força de pensamento, é possível encontrar-se a si mesma em uma realidade cuja ordem e cuja forma rejeitam e reprimem toda pretensão da razão” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 841).

Pensar o mundo, o capitalismo, as estruturas sociais como acabadas, prontas, é reduzir o sujeito a um aprisionamento da própria razão. O erro para Horkheimer é o que nos torna humanos e a indústria cultura reprime esta faceta. É a identidade dos indivíduos que garante a metafísica como saber e possibilidade de ser, pois o pensar perde seu sentido mínimo.⁹

Nesse sentido, a teoria de Hegel é uma ilusão que leva à falência das metafísicas tradicionais, da fenomenologia, bem como, do idealismo, do positivismo e do marxismo. “A Teoria Crítica não é a primeira a recusar a filosofia da Identidade na história da filosofia, recusar a ilusão da Identidade do real e do racional, do singular e do universal contém a tentação de supervalorizar por compensação o pólo sacrificado, existência ou singularidade” (ASOUNN, 1991, p. 27).

Tanto o racionalismo, quanto o irracionalismo excluem da sociedade e da cultura a perspectiva metafísica e, portanto, estimula a adoção de um pensamento se objetividade. “O positivismo e o pragmatismo modernos podem ser avaliados ao mesmo tempo como a expressão extrema deste divórcio entre a exigência cientista de saber e a procura metafísica da verdade” (ASOUNN, 1991, p. 31).

⁹ “Se quiséssemos falar de doença da razão, essa doença deveria ser entendida como mal que atacou a razão em dado momento na civilização, assim como a conhecemos até aqui. A doença da razão está no fato de que ela nasceu da necessidade humana de dominar a natureza” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 847).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Nós não deveríamos aparecer como pessoas que só sabem se lamentar das consequências do pragmatismo. Mas eu não gostaria, por isso, de acrescentar simplesmente um parágrafo mais positivo sobre o refrão “mas, afinal, o racionalismo e o pragmatismo não são tão ruins assim”. A análise intransigente que é feita no primeiro capítulo parece-me constituir, por si mesma, uma melhor demonstração da função positiva da inteligência racional do que tudo o que se poderia dizer para atenuar o ataque lançado contra a lógica tradicional e os filósofos a ela ligados” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 351).

Nesse sentido, não é de se admirar que a teoria crítica ataque ferozmente o uso instrumental da razão pragmatista e positivista. A razão não deve estar voltada ao tecnicismo tão somente. Os métodos de racionalização do trabalho só fazem embrutecer e neurotizar o homem com movimentos repetitivos e cada vez mais rápidos. A razão deve voltar-se à ação criativa, coletiva, socializante. “A razão de ser do pensamento crítico é hoje em dia tentar um verdadeiro superar desta tensão, acabar com a oposição entre o indivíduo naturalmente espontâneo, razoável, consciente dos seus objetos, e as relações que o processo de trabalho implica e sobre as quais todo edifício social” (ASOUNN, 1991, p. 34). Nesse mesmo aspecto, destaca-se que:

A teoria Crítica é bem o assunto no qual se desenvolve o círculo identitário. É pois um verdadeiro ato de soberania teórica pelo qual a filosofia se lança na história: a Crítica, como no jovem Marx, autolegitima-se ao revelar o logro identitário e desse modo coloca a necessidade da transformação do mundo histórico (ASOUNN, 1991, p. 36).

O ser humano não se pode renovar se não pela razão, a razão é a inovação e a invenção humana ao mesmo tempo. Por ela, alcançam-se as luzes que iluminam as trevas da religiosidade furtiva, por ela, se norteia o mundo e sua relação com o universo, por ela se tem consciência de quem somos e do que não somos¹⁰.

¹⁰ Em meados da década de 1940, o filósofo alemão Max Horkheimer questiona como evitar que a barbárie, representada pelo nazifascismo e então recentemente derrotada na Europa, retorne ao Ocidente. Para ele, o avanço dos meios técnicos de esclarecimento foi acompanhado por um processo de desumanização, de modo que o progresso ameaça anular o próprio objetivo que deveria realizar: a ideia de homem. Seu objetivo declarado é “investigar o conceito de racionalidade subjacente à nossa cultura industrial contemporânea, a fim de descobrir se esse conceito não contém defeitos que o viciam em sua essência”. Horkheimer toma como ponto de partida a diferenciação entre razão subjetiva e razão objetiva, sendo que a primeira se relaciona à faculdade de calcular probabilidades, de coordenar os meios com um



A segunda crítica que emerge de maneira contundente da Escola de Frankfurt é a **Crítica da Opressão**. O advento da ciência não atribuiu novo sentido à vida humana. Todos continuamos a ser o que sempre fomos, desde a origem da razão: dominadores. Mas, a razão nos tornou dominadores mais exímios e capazes de sofisticar nossa dominação. No entanto, nenhum animal tem total consciência de si e do mundo, de modo que nossa dominação devasta o mundo, mas devasta a nós mesmos.

O marxismo e a psicanálise, se bem aplicados, podem ser um caminho seguro de mediação entre o dominador e o dominado, entre o homem e o mundo. A fundação de uma sociologia crítica pareceu aos membros da sociedade pensante frankfurtiana, uma possibilidade de início desta mediação.

As ciências humanas e o estudo da sociedade foram sobreposto pelo estudo econômico, já que o problema a ser analisado pela Escola era capitalista. Dessa maneira, deixou-se de analisar os efeitos do Eclipse da Razão, para se analisar a Razão Instrumental sobre o aspecto econômico. Isso representou um cisma na Escola.

A razão instrumental entrava, então, em conflito com a razão pensante? Era a razão instrumental que lançava os componentes humanistas e racionais da razão (em outras palavras, a razão pensante e moral) nos “antros animistas”? Mas, então, como se poderia falar em uma autodestruição da razão? Como se poderia, então, manter como ideia mestra a ideia de que a identidade escapava à autoconservação — como em “Vernunft und Selbsterhaltung” —, e a civilização racional desaparecia devido à razão purificada? (WIGGERSHAUS, 2002, p. 343).

Desse modo, a modificação da Teoria Crítica representou modificações sobre a metodologia sociológica. Deixa-se de lado a sociologia crítica dos estudos da classe operária e abraça-se a filosofia social dos estudos macro europeus. Assoun (1991, p. 44) afirma que a filosofia social da Escola, pode problematizar a teoria hegeliana e assumir sua herança ao mesmo tempo. “A partir de Hegel, a ligação entre individualidade e totalidade social foi quebrada. Esta quebra não pode não ser ignorada pela filosofia

fim, enquanto a segunda remete ao problema do destino humano, à organização da sociedade e à maneira de realização de fins últimos. Da tensão entre ambas, com o predomínio da razão subjetiva em relação à objetiva, emergiu um pensamento transformado em simples instrumento. O autor empreende, assim, uma profunda investigação sobre as intensas mudanças que o advento da industrialização, e com ela o predomínio da técnica, e da racionalização teve sobre a natureza humana, considerando também as implicações filosóficas destas mudanças (<https://books.google.com.br>).



social”.

Três problemas marcam a crítica sociológica. O primeiro diz respeito à cristalização da sociologia pela via da racionalização da produção. A segunda relaciona-se a transpor e traduzir a questão genérica da filosofia social para uma questão determinada e em terceiro, como seria tratada toda esta questão. A saber: “Perseguir através dos mais finos métodos científicos as grandes questões filosóficas que são as suas, precisar e transformar ao longo do trabalho, as questões em função do objeto, encontrar novos métodos sem por isso perder de vista o Universal” (ASSOUN, 1991, p. 46).

O que fazia Adorno, aquele que ainda um ano antes de sua morte afirmava que os partidários de uma sociologia crítica não queriam absolutamente contentar-se com um trabalho burocrático, como lhes era sugerido tantas vezes, mas precisavam daquilo que se qualificava de pesquisa de campo? Ele que, afinal de contas, era oito anos mais moço e mais produtivo, imprimiu ao conjunto uma orientação que correspondesse realmente às suas próprias ambições? Tentou isso pelo menos? (WIGGERSHAUS, 2002, p. 486).

Talvez a maior revolução nesta segunda crítica seja o viés do antissemitismo, tema que rendeu volumosas publicações por parte da Escola. Mesmo vivendo crises temporárias nos anos 50, a Escola se firmou em seu método e manteve a linha sociológica de análise histórica e muito contribuiu para a compreensão dos fatos que marcaram a Segunda Guerra Mundial.

O nosso objetivo não é unicamente descrever o preconceito, mas explica-lo a fim de contribuir para o seu desaparecimento [...] Eis o desafio que queremos reanimar: este desaparecimento (dos preconceitos) implica uma reeducação cientificamente planificada, sobre as bases de um saber cientificamente estabelecido (ASSOUN, 1991, p. 52).

No fundo, o movimento intelectual que nascera com a Escola de Frankfurt é uma continuidade do grande movimento que foi o marxismo. Talvez o diferencial da Escola em relação a esta paridade com o marxismo, seja o fato de que seus autores reclamaram para si o direito de constituir no marxismo um método de análise histórica e não uma ideologia social.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

A ideia de uma pesquisa social vai além de apenas um nome, tornou-se um escopo, um método e uma linha de pesquisa. A influência de economistas como Wittfogel, Borkenau, Gumperz e Sorge, foi o elemento determinante para o enfoque mais econômico que social da Escola.

Adorno lançava a pesquisa sociológica empírica contra a sociologia como ciência humana e a defendia contra os preconceitos que a caricaturavam; ele pensava que não precisava dizer que não queria ajudar a transformar a sociologia em uma simples disciplina auxiliar da economia e da gestão por meio de ideologias. Mas esse perigo não estava presente justamente em sua tentativa de recuperar até o estudo de mercado pela sociologia crítica? (WIGGERSHAUS, 2002, p. 491).

Assim, a filosofia crítica caminha para a recusa da filosofia e da ciência. Busca-se uma originalidade do método como foi ressaltado. De mesmo modo, dentro da Teoria Crítica, a Escola escolhe pertencer ou reivindicar o marxismo como método, e assim, rompe com o destino cientificista. “Se a teoria marxista não é nem um corpo de doutrina caído em desuso, nem um dogma que imobiliza a história, não há relativização nem sacralização que sejam de temer” (ASSOUN, 1991, p. 65).

A terceira crítica que emerge de maneira contundente da Escola de Frankfurt é a **Crítica da Razão Histórica**. O primeiro questionamento que surge é sobre qual a relação entre razão e história. A origem da razão coaduna com a origem da história, mas em um dado momento é superada por ela. A história recai sobre a razão e a atropela, graças à animalidade gananciosa dos indivíduos e da economia exacerbada.

A perspectiva marxista da história não é uma ideologia comunista como pensara Marx e sim uma teoria sócio-histórica na qual a regulação das posses se daria por um estado racional.

Como já fora indicado, a Teoria Crítica não parte de uma ideologia e sim de uma epistemologia, de modo que ela deverá refletir seu próprio objeto que é a razão, em vez de refletir sobre o objeto, refletirá o objeto. Tal reflexão deverá atuar genealógicamente sobre a origem da razão. Para tanto, é preciso repensar a própria história a partir do destino da modernidade e à luz da autoridade.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Não se tratava de nada menos que ‘compreender por que razão a humanidade caía numa nova forma de barbárie’, teorizando uma ‘aporía’ importante: ‘autodestruição da razão. É para responder a este escândalo da razão, que é também o da história, que os detentores da crítica se comprometem – nesta espécie de genealogia do mal histórico a partir de um exame do destino da Razão – a entender ‘no sentido mais lato de pensamento em progresso’, ideal regulador da modernidade ocidental (ASSOUN, 1991, p. 83).

Historicamente barbárie e história se acasalam, de modo que a razão se torna apenas uma comparsa, uma máscara para a barbárie. A modernidade não é a superação da barbárie, mas apenas uma nova modalidade. “Saber por que a humanidade mergulha num novo tipo de barbárie em vez de chegar a um estado autenticamente humano” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 354).

“Ora, o primeiro resultado desta investigação, por mais fragmentada que ela seja, é mostrar a implicação paradoxal da razão ocidental e do mito: ‘o próprio mito é já razão e a razão volta a ser mitologia’” (ASSOUN, 1991, p. 84). Tal perspectiva desmonta o mito de que a modernidade é uma evolução da razão e dos indivíduos de forma nunca vista. A razão não é só referente da análise, mas seu objeto, como razão torna-se por si só conflitivo.

A era das luzes (Alfklärung) que remonta a história humana como história da modernidade, é na realidade uma era das renúncias, pois busca conservar a si mesma como abstrata em detrimento do homem concreto. “A contradição central é, pois a de uma razão que se instrumentaliza ao transformar a natureza em instrumento, enquanto a natureza procura vingar-se periodicamente contra esta sujeição” (ASSOUN, 1991, p. 84).

A noção de ego emerge de maneira clara nesta interpretação da Escola. O homem é ego e faz tudo para se sobressair, dos outros e do mundo. O homem inevitavelmente quer ser Deus, nem que para isso tenha que matar seu suposto criador. Trata-se de um mal, uma hipertrofia da razão em Razão Instrumental.



Horkheimer atribuía mais peso a essa constatação mostrando a função social que exerciam da mesma maneira, pela condenação comum do egoísmo, essas duas correntes antropológicas tão diferentes. Quanto mais o princípio de concorrência da sociedade burguesa se impõe, tanto mais todos os que estão incluídos neste mundo se veem forçados a desenvolver as tendências egoístas e agressivas de seu ser para se manter nesta dura realidade. A reprovação do egoísmo contribui naturalmente para a proteção daqueles que venceram o enfraquecimento de seu sucesso, que se produziria se aqueles que têm menos condições lhes fizessem uma concorrência aberta (WIGGERSHAUS, 2002, p. 209).

A Razão é verme e fruto, devora a si mesma, graças à vaidade burguesa. A razão é a única que pode se dar conta de tamanho erro e a partir daí fugir da *mínesis* que ela própria produziu imaginativamente.

A acusação de egoísmo, ao qual a antropologia opõe a afirmação de uma natureza mais nobre, ou simplesmente a infâmia da assimilação à bestialidade não visam realmente à aspiração dos poderosos ao poder, ao bem-estar em meio à miséria, à persistência de formas sociais ultrapassadas e injustas. A moral filosófica, após a vitória da burguesia, dedicou uma atenção cada vez mais crescente à busca da imparcialidade sobre esse ponto. A maioria dos homens deveria, ao contrário, habituar-se a controlar sua própria reivindicação de felicidade, reprimir o desejo de viver tão bem quanto essa minoria, que se comprazia com isso, tanto mais porque, olhando-se bem, sua existência estava condenada por esse veredicto moral tão útil (WIGGERSHAUS, 2002, p. 209).

Ao analisar a noção de cultura, a Escola de Frankfurt se depara com a filosofia da história, com a noção de que o homem vive a história que cria e cria a história que vive em um círculo mimético *ad eternum*.

Todo esse ideal de adaptação e submissão à natureza, eclipsou a razão em definitivo. Desse modo a contraposição da filosofia é em relação à mimese e não em relação à razão. A valorização da subjetividade em detrimento da modernidade, coletividade, normatividade e globalidade (termo que ganhará força apenas no final do século XX, mas que conserva o mesmo espírito), é a saída mais viável.

O homem minimal ou unidimensional de Marcuse foi uma tentativa de dar esperança a questão tem esperança de mundo. “Marcuse havia tentado realizar o



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

que estava faltando em outros teóricos críticos da primeira geração: integrar, num conjunto sistemático, as análises da sociedade capitalista avançada” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 638).

Essa esperança intelectual que brota da escola é justamente a dificuldade de se crer na humanidade, no homem, no futuro frente a uma atrocidade tão devastadora quanto o Holocausto. Se o mundo se tornou estranho, o homem se tornou o que sempre foi, um monstro racional. Resta saber se os sons que emanaram de Frankfurt surtiram efeito em nossos dias.

CONCLUSÃO

O pensamento da Escola de Frankfurt é vivo e atual, não só pelas investigações profundas sobre o eclipse da razão e a razão instrumental que permearam o avanço capitalista, como pelas análises psicológicas que explicaram grandes e desastrosos eventos como o Holocausto. Pensadores e escolas como a que timidamente se buscou analisar aqui, são as responsáveis pela não repetição de muitas outras atrocidades ao longo da história.

A Escola de Frankfurt em sua totalidade e na particularidade de cada uma de suas obras, torna-se leitura elementar para juristas, advogados, filósofos, sociólogos e historiadores de um modo geral. Estudar a história é entender a história como olhar crítico e aguçado e foi este o espírito que nos guiou até aqui.

REFERÊNCIAS

ADORNO, TEODOR W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Trad: Helena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991.

MATOS, Olgária. C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombra do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 2005.

MOGENDORFF, Janine Regina. *A Escola de Frankfurt e seu legado*. Verso e Reverso, XXVI(63):152-159, setembro-dezembro 2012. pp. 152-159.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Ed. Paulus, 1990. [v.3]

WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt*. História, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro, Difel, 2002. 742 p.

Recebido Para Publicação em 31 de janeiro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 18 de maio de 2019.